

## Ditadura da alegria



Por **CAMILA GÓES\***

*Dois poemas*

### 100 mil

Na ditadura da alegria, os sorrisos são congelados e passa-se bem” graças a Deus”  
Aqui não se abriga a possibilidade de sofrer, nem de contestar  
Nesta Terra, plana como um papel, quando há sinistra cifra de 100 mil mortos  
buzinam os carros o campeonato vencido  
O sofrimento é absolutamente proibido!  
As casas são montadas para o repelir, protegidas com a mais moderna tecnologia  
O sofrimento “é de cor” e anda descalço e mora longe  
Também não se pode falar em pobreza, é uma regra gramatical!  
A língua, por sua vez, é miserável  
Nos faltam tantas palavras...  
100 mil vidas “se foram”, é impossível enunciar a morte  
Expressar a dor é como falar uma língua estranha,  
E amontoada como angústia, às vezes transborda no vermelho dos olhos  
Uma cor que brota em cenário “clean”  
Fala-se, então, um idioma indigente  
Aqui também o conflito é pecado, e a diferença é vergonha  
As conversas, muito bem ensaiadas, nunca fogem às normas  
Sem tensão, não se faz necessário pensar.... ufa!  
O outro simplesmente não há, a não ser, talvez, como criança  
A quem acatamos as ordens, com profundo alívio  
E tudo sempre é uma questão de educação, “um grande mal-entendido”  
Se não há outro, não há fala, não há escuta...  
A língua se contorce em eufemismos para dar conta do que não sabe, não quer e não tolera dizer  
Não há morte, não há dor, não há conflito  
... o “ruído”  
Um eufemismo entre muitos nesta Terra  
onde faz calor, mas trememos de frio

### 200 mil

A parte de mim que quer morrer sente inveja  
Sim, porque há sempre uma parte que deseja a morte em todos nós

# a terra é redonda

E nesse momento, é ela quem festeja e parece estarsaciada  
Satisfeita, uma vez que é gulosa de morte, e morte tem muita  
É essa a parte que não se constrange e não vê notícias,  
mas que é bem versada sobre as novidades...  
Reina triunfante a ideologia, a inverter todos os termos  
Alimenta com fartura aquela parte desesperada de nós,  
que despreza a realidade quando esta parece verdadeiramente insuportável  
E essa nem é a parte mais desprezível que nos constitui, afinal humana  
Tem ainda aquela outra, mais específica: verde amarela branca azul anil  
mas que é sobretudo branca  
Que goza ao mostrar que pode sim e que paga por isso!  
A liberdade aqui tem suas particularidades: se herda, mas também se compra  
Não nos vacinaremos, tão afeitos somos à doença, mas sempre volúveis: não nos retire o direito de pagar por isso!  
O que importa é assegurar o lugar de fala, este de quem vos fala em primeiro e segundo grau, o senhor de engenho e seu  
neto miliciano  
A reinar soberano as mentes e corações fracos de nosso povo  
Cenários paradisíacos se alternam por entre páginas e mais páginas de obituário  
Que nos chegam pelas redes, correios, pesadelos e terríveis telefonemas  
Num espetáculo grotesco de verdade em que se suspendem as máscaras,  
Uma guerra silenciosa se instala entre os que interditam a palavra morte e a morte que insiste em rodear  
Mas não se sente mais o cheiro do enxofre, infectados parecem estar todos  
Pelo vírus que liberta os sete anjos e as sete trombetas, mas obstruínossas fossas nasais.

*\*Camila Góes é doutora em ciência política pela Unicamp. Autora de Existe um pensamento político subalterno? (Alameda).*